Um estudo etnográfico a partir do olhar de professores formados e estudantes em formação de língua portuguesa sobre as políticas linguísticas em Timor-Leste

Alan Silvio Ribeiro Carneiro[1]

Introdução

A investigação aqui descrita tem sua origem na minha atuação como professor de português como segunda língua no contexto multilíngue de Timor-Leste, entre 2008 e 2009. A Constituição timorense institui como línguas oficiais do país o português e o tétum e define o indonésio e o inglês como línguas de trabalho. O país tem enfrentado uma série de desafios para a implementação das políticas linguísticas e educacionais locais e tem contado com o apoio da cooperação brasileira e da cooperação portuguesa na formação de professores por meio de diversas iniciativas desde o período de transição até a independência. Tendo em vista esse contexto, este artigo tem como foco compreender a visão de professores formados e estudantes em formação de uma dessas iniciativas - o curso de Língua Portuguesa da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL) - em relação às suas trajetórias, aos seus repertórios e às políticas linguísticas locais que estão sendo implementadas. O referido curso conta com a cooperação do Camões - Instituto da Cooperação e da Língua (CICL), de Portugal, por intermédio do Centro de Língua Portuguesa (CLP), de Díli, capital do país. A produção dos dados para esta pesquisa foi feita ao longo de seis meses em campo, no ano de 2012, momento em que atuei novamente como professor no país e pude registrar no meu diário de campo alguns aspectos da dinâmica sociolinguística local e produzir as oito entrevistas com professores formados e as oito entrevistas com estudantes em formação, com foco em narrativas de vida, que constituem os principais dados que analisei na minha tese de doutorado (Carneiro 2014). Neste artigo apresento uma síntese dos principais achados da pesquisa concluída trazendo alguns dados que ilustram os problemas centrais que emergiram ao longo das análises das narrativas dos professores e estudantes.

O contexto de investigação e os objetivos da pesquisa

O curso de Bacharelado e Licenciatura em Língua Portuguesa da UNTL foi desenvolvido ao longo de sucessivos protocolos de cooperação com o então denominado Instituto Camões e com a FUP (Fundação das Universidades Portuguesas). O projeto em questão pode ser considerado como um exemplo de formação de professores em um contexto pós-conflito. Tendo iniciado com recursos humanos e materiais restritos, foi progressivamente conquistando espaços institucionais e insumos para o seu funcionamento através da construção de parcerias, mas também de enfrentamentos com as instituições de suporte.

Em janeiro de 2012, início do meu campo, o departamento contava com quatorze professores timorenses e apenas dois professores portugueses, sendo que, no momento de sua fundação, havia apenas um professor timorense. Na comemoração dos seus dez anos, no final de 2011, celebrou-se o fato de o DLP ter graduado 81 estudantes, 45 licenciados e 36 bacharéis. Em 2012, esse número chegou a 130, e, atualmente, o curso tem em torno de 300 estudantes nos diversos anos. (CICL 2011).

Tanto em 2008-2009 quanto em 2012 eu estive em contato com professores formados no curso de Licenciatura em Língua Portuguesa, principalmente da geração que estudou durante o período colonial português, porém na minha segunda estadia em campo, em 2012, eu pude ter bastante contato também com estudantes em formação que foram escolarizados no regime indonésio e aprenderam a língua portuguesa durante o período de transição.

Alguns estudos já haviam apontado de forma incisiva a questão das diferenças entre as ideologias de distintos grupos sociais timorenses em relação à língua portuguesa e ao projeto de nação em construção em Timor-Leste desde o período final da resistência (Carey 2003; Mendes 2005; Silva 2006, 2012; Leach 2003, 2008 e 2012, entre outros). A pesquisa que fiz ao longo do doutorado aprofunda algumas das questões levantadas por esses estudos e ao mesmo tempo traz uma perspectiva

[1] Portuguese Language Section, University of Cape Town (África do Sul).

mais nuançada das relações entre trajetórias, práticas e ideologias linguísticas que interessam principalmente aos pesquisadores do campo da língua(gem).

Tendo em vista esses estudos anteriores e o contato que tive com professores e estudantes ao longo do meu campo em 2012 é que pude elaborar as questões de pesquisa abaixo, que foram condutoras do meu doutorado e que guiaram as minhas reflexões na tese e neste artigo:

a) Como os professores formados e os estudantes em formação desse curso de língua portuguesa (re)constroem narrativamente suas trajetórias de vida?

b) Quais são as representações que emergem nessas narrativas acerca dos diferentes recursos linguísticos de seus repertórios heteroglóssicos?

c) Que interpretações acerca dos rumos das políticas linguísticas que estão sendo implementadas no país são construídas em suas narrativas?

A partir dessas questões, pude definir o objetivo da investigação empreendida da seguinte forma:

Identificar as visões de professores formados e estudantes em formação do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa da Universidade Nacional Timor Lorosa'e no que tange (i) ao papel que a aquisição de diferentes recursos linguísticos teve em suas trajetórias sociais, (ii) aos valores relativos que atribuem a esses diferentes recursos de seu repertório heteroglóssico (iii) e às políticas linguísticas que estão sendo localmente implementadas.

A metodologia e o enquadramento teórico da análise

A presente pesquisa foi inspirada pelas pesquisas críticas no campo aplicado dos estudos da língua(gem) (Moita-Lopes 2006) e nos estudos etnográficos das políticas linguísticas (McCarty 2011). Para o desenvolvimento da mesma fiz um projeto de atuação no Departamento de Língua Portuguesa da UNTL, no ano de 2012, com o intuito de facilitar o meu contato com os potenciais sujeitos de pesquisa. Ao longo do período em campo pude registrar diferentes dados, embora desde o começo, tenham-se destacado para mim as entrevistas - com enfoque nas narrativas de vida de professores formados e estudantes em formação - como um rico material de análise discursivo e metadiscursivo.

Por essa razão, esse material se tornou o centro das análises na minha tese de doutorado que retomo neste artigo. O tratamento dado a essas entrevistas partiu do pressuposto de que essas não são eventos artificiais de fala que estariam em contraste com eventos naturais de interação (De Fina 2009). Seguindo a linha de Briggs (2007), as entrevistas foram analisadas como parte do tecido social no qual foram engendradas, ou seja, como parte de um contexto específico de produção, no qual estavam presentes restrições sociais que precisavam ser levadas em consideração nas análises.

Embora cada um dos dois grupos, o de professores e o de estudantes, fosse relativamente similar em termos de classe, idade e trajetória social, ao longo dos processos de transcrição, codificação e tematização das dezesseis narrativas (oito com cada grupo), foi possível identificar diferenças significativas nas tomadas de posição desses sujeitos na narração de suas histórias de vida. O conceito chave que conduziu o processo de interpretação para o desenvolvimento das análises foi o de pistas de contextualização de Gumperz (1982; 1992), ou seja, a busca de índices linguísticos e para-linguísticos na comunicação que apontassem para como os sujeitos em interação estão co-construindo o contexto no qual estão inseridos.

A partir desse conceito foi possível identificar o funcionamento mais específico das estâncias (Jaffe 2009) tomadas pelos sujeitos da pesquisa nos eventos de interação e compreender o significado das suas vozes sociais (Bakhtin, 1981). Como afirma Jaffe (2009, 13), como quadro analítico, a ideia de estância:

> (...) não essencializa categorias sociais, mas antes, vê as posições de sujeito e as relações que podem ser estabelecidas através de formas de fala e então, em um segundo nível de análise, como essas podem ser estatisticamente e/ou esterotipicamente mapeadas em sistemas

> linguísticos nomeados ('sotaques', 'dialetos', 'linguagem', 'códigos misturados'), ou categorias discursivas menos explicitamente nomeadas (registro, gênero, discurso) caracterizadas por agrupamentos de traços. Os sistemas linguísticos indexados pela estância estão todos incorporados em campos de ação culturais, ideológicos, sociais e políticos. (Tradução Livre).

Seguindo a perspectiva de Jaffe, nas análises que desenvolvi na minha tese de doutorado e que retomo aqui, busquei a partir do conceito de estâncias entender primeiramente o funcionamento das metapragmáticas (Silverstein 1993) que regulavam as tomadas de posicionamento dos sujeitos da pesquisa, para em seguida, identificar as ideologias linguísticas (Woolard, Schieffelin e Kroskrity 1998) que estavam estruturando os processos de interpretação nos eventos discursivos analisados. A partir disso, busquei identificar o papel dessas ideologias nos processos de categorização social e na organização das práticas sociais no contexto timorense e o seu papel na regulação do funcionamento do que Bourdieu (2009) entende como o campo da língua(gem).

Os resultados

Nos três itens abaixo, apresento três excertos de entrevistas e breves análises que ilustram o funcionamento desse campo da língua(gem) e algumas das regulações do seu funcionamento:

Trajetórias sociais, capital linguístico e distinção social

Para Bourdieu (2006), o acontecimento biográfico é um colocar-se e deslocar-se no espaço social, por isso, para o pesquisador interessado em compreender uma trajetória é necessário entender como os diferentes capitais (econômico, linguístico, cultural e social) estão em jogo em um determinado campo. O trecho abaixo de uma entrevista com a professora Ermelinda (pseudônimo) aponta para como, no contexto de Timor-Leste, a aquisição de um capital linguístico foi fundamental na aquisição de outros capitais:

> Pesquisador **1** E professora voltando à questão das línguas... você acha que no período português (...) não tinha essa questão da imposição?
>
> Ermelinda **2** Imposição... quer dizer as pessoas... os que sabiam falar português... **era mais um meio para poder, para poder obter algo do colonizador, para poder obter, para poder obter uma oportunidade de trabalho, uma oportunidade de bolsa, bolsa de estudos para os filhos, é mais assim nesse sentido (...) 3** essas escolas, a escola técnica e o liceu eram destinadas mais para os filhos de portugueses que estavam a trabalhar no país e era muito reduzido o numero de timorenses que estudavam nessas escolas porque **a situação financeira também não ajudava e havia poucas vagas e essas poucas vagas eram mais dirigidas aos filhos dos portugueses que estavam a cá 4 a escola Canto Rezende que acumulava mais estudantes timorenses porque os filhos dos portugueses não queriam ser professores...** não é então (uma imposição) segundo o meu ver.

A minha pergunta na entrevista reproduz a perspectiva do pesquisador que se alinha a uma tradição de investigação que entende - a partir de um olhar acadêmico - que as línguas europeias nos contextos coloniais foram impostas aos colonizados de forma unilateral. A fala da professora aqui nesse trecho aponta para o fato de que embora pudesse ser uma imposição, para os sujeitos que a adquiriam, ela tinha um outro papel: o de mediação de um interesse. A aquisição do registro escolar da língua portuguesa ensinado pelas instituições coloniais em Timor emerge como um recurso social à disposição daqueles que estão subordinados ao sistema de dominação colonial para a mobilidade social nesse mesmo sistema. Na sua reflexão, a professora aponta ainda como o acesso a esse registro funciona como um meio de acesso à educação que por sua vez dá acesso a um posto de trabalho, o qual garante uma determinada posição social valorizada e distintiva no contexto timorense.

Repertórios heteroglóssicos, hierarquias linguísticas e novos processos de distinção

A aquisição de diferentes recursos na formação de um repertório linguístico e semiótico que pode dar acesso a determinadas posições sociais é um processo contínuo ao longo da vida (Blommaert e Backus 2011; Busch 2012). Esses processos de distinção estão inscritos nos repertórios heteroglóssicos dos professores e estudantes de língua portuguesa que participaram desta pesquisa. Nessa direção, nas suas práticas linguísticas e nas representações que construíram acerca de seus repertórios, foi possível identificar um conjunto de ideologias linguísticas que apontavam para a emergência de novos processos de distinção no contexto timorense vinculados a certos usos linguísticos específicos. A análise abaixo do estudante de língua portuguesa, Armando (Pseudônimo) aponta para isso:

Pesquisador **1** Mas Armando, você acha então que para falar bem o tétum é preciso saber o português?

> Armando **2** Acho que sim, no meu entendimento de agora... porque tétum ainda emprestar muitas línguas... as pessoas em Los Palos, por exemplo, quando eles falam tétum também misturar com português porque as pessoas são mais velhos... (...) **3 quando perguntamos para as pessoas quando se ouvir tétum de formal que as pessoas de portugueses ou os malaes que aprendem tétum com português... 'quando vocês ouvem esta pronunciação o que você sente' ou 'eles falam melhor tétum do que nós', 4 por exemplo, o professor, qualquer professor, professor de português, quando eles falam tétum... as pessoas consideram esse um bom tétum, é um tétum que temos de aprender**

A estância de Armando aponta para a formação de um registro específico do tétum considerado de maior valor. Esse registro é associado a determinados falantes, no caso, falantes mais velhos de uma região específica e falantes nativos da língua portuguesa em oposição a um registro do tétum marcado pela língua indonésia falado por ele próprio e outros jovens. Na sua fala, diferentes usos do tétum identificam diferentes tipos de pessoa e a diferença de valor que essas pessoas podem receber por falar esse determinado registro da língua se constituindo como um novo modo de produzir diferenças e potenciais distinções sociais. Isso pode levar, por exemplo, a uma nova dinâmica de acesso e distribuição dos recursos linguísticos que pode se vincular a novos processos de organização e estruturação social.

Políticas linguísticas, políticas de identidade e projetos políticos

Para Blommaert (2013, 133) nunca há uma única hegemonia governando os eventos sociais, sempre há meso-hegemonias e micro-hegemonias nos discursos que se constituem a partir de múltiplas ordens de indexicalidade. Nesse sentido, há sempre múltiplas determinações presentes nos eventos de comunicação que são únicos e situados, mas nem por isso deixam de ser estruturados por centralidades diversas. No excerto abaixo de uma das entrevistas é possível entender o funcionamento dessas múltiplas determinações, na forma como a professora Rosa (pseudônimo) compreende o seu trabalho como professora de língua portuguesa em nível universitário:

> Pesquisador **1** (...) Como a professora vê o seu trabalho?
>
> Rosa **2** é um trabalho... é diferente eu fui professora ensinei no Externato São José, mas era assim, era diferente, as pessoas, as pessoas falavam português aquilo era mais para aquelas pessoas que queriam sair para Portugal... (...) **mas agora aqui já é diferente, é como eu já disse hoje, [eles] tem contato com a língua dentro das quatro paredes, mesmo assim, nós não garantimos, ouvem, mas ainda assim ficam a olhar para a pessoa, mas eu não tento traduzir eu digo que eu não sei indonésio, para mim é uma nova luta, desafios, todos nós temos desafios, pronto a nossa vida é um desafio também, para mim não é bem um desafio, mas é uma luta, é uma luta.**

> **3** E é muito complicado primeiro porque eu tenho muita pena, porque eles não têm também culpa, eu não estou a atribuir culpas a ninguém (...) os professores que não deveriam deixar passar as pessoas primeiro, mas voltando a capacidade dos professores, eles também tem um limite, a capacidade deles é limitada (...) ora nem o professor tem culpa... que eu não sei... **há professores que estão mais por causa de estar a sobreviver, não é por causa daquela coisa que eles querem dar, não é porque 'eu sinto aquela paixão de ensinar' 'eu quero transmitir aquilo que eu sei' ... é mais fácil para poder ter um pão em casa.**

A professora Rosa na sua fala aponta para o significado de ensinar português em diferentes momentos históricos, no passado, durante a ocupação indonésia e na atualidade. Mas para ela há um fio comum entre essas experiências, a primeira é descrita como fácil, a segunda como um desafio, mas ela especifica esse desafio como uma luta. A ideia de luta é o fio que conduz a sua interpretação do seu papel como professora. Rosa esteve ativamente envolvida na resistência à ocupação indonésia, o que faz com que para ela tanto naquele contexto quanto no contexto atual, ensinar a língua portuguesa seja, não ensinar um código, mas dar continuidade a um projeto político de resistência e de construção de um projeto de nação. Nessa direção, para Rosa, falar a língua portuguesa e ensiná-la tem uma função que é fundamentalmente política, embora Rosa reconheça que essa tarefa é limitada por restrições estruturais que estão vinculadas às razões pelas quais professores sem formação estão na profissão docente, o que é produto dos problemas econômicos e sociais existentes no país.

Considerações Finais

'As vozes das formigas não chegam aos céus'
(Fala da professora Ermelinda)

A partir dessas análises é possível concluir que, para compreender o funcionamento das políticas linguísticas como uma prática social em Timor-Leste, a qual, por isso, está em uma constante dinâmica de mutação, é importante compreender o papel de diferentes registros como recursos para mobilidade territorial e social nesse contexto; compreender os constantes processos de mudança pelos quais esses registros linguísticos presentes no território têm passado em termos de valor e ainda compreender o papel que adquirem no conjunto dos debates políticos em curso localmente. Em resumo, é preciso buscar entender no funcionamento dos processos de transição de diferentes regimes multilíngues no território, o que permanece e o que se modifica.

Mas para o desenvolvimento de uma compreensão adequada desse funcionamento é preciso escutar as vozes que não tem chegado aos céus, ou seja, é preciso dar voz e vez para que aqueles que estiveram e ainda estão diretamente envolvidos com as práticas de ensino de línguas possam ser agentes da formulação dessas políticas. Infelizmente, os professores de língua portuguesa timorenses que melhor conhecem o seu funcionamento não têm tido a oportunidade de debater o seu desenvolvimento na arena pública. Embora ocupem o papel de especialistas, esse reconhecimento não lhes é dado, o que aponta para a necessidade de uma perspectiva política participativa para Timor-Leste na elaboração das políticas (linguísticas e educacionais), na qual diferentes vozes sociais possam ser ouvidas.

Bibliografia

Bakhtin, Mikhail 1981, *The Dialogic Imagination: Four essays,* Michel Holquist (ed.), University of Texas Press, Austin.

Blommaert, Jan 2013, Policy, policing and the ecology of social norms: ethnographic monitoring revisited, *IJSL*, 219, 2013:123 -140.

Blommaert, Jan e Backus, Ad 2011, Repertoires revisited: 'Knowing language' in superdiversity, *Working Papers in Urban Language & Literacies*, Paper 67.

Busch, Brigitta 2012, The linguistic repertoire revisited, *Applied Linguistics*, 33(5): 503-523.

Bourdieu, Pierre 2009, *A economia das trocas linguísticas,* Edusp, São Paulo.

--- 2006, 'A ilusão biográfica' in Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaína (Org.), *Usos e abusos da história oral*, FGV, Rio de Janeiro.

Briggs, Charles 2007, Anthropology, Interviewing, and Communicability in Contemporary Society, *Current*

Anthropology, 48(4): 551-580.
Carey, Peter 2003, Third-World Colonialism, the Geração Foun, and the Birth of a New Nation: Indonesia through East Timorese Eyes, 1975-99, *Indonesia*, 76: 23-67.
Carneiro, Alan 2014, *Políticas linguísticas e identidades sociais em trânsito: língua(gem) e construção da diferença em Timor-Leste*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas.
CICL (Camões - Instituto de Cooperação e da Língua) 2011, Timor-Leste: Centro de Língua Portuguesa em Díli celebra aniversário, acesso em: https://www.instituto-camoes.pt/lingua-e-cultura/centro-de-lingua-portuguesa-em-dili-aniversario, acesso em 10 de novembro de 2013.
De Fina, Anna 2009, Narratives in interview — The case of accounts: For an interactional approach to narrative genres, *Narrative Inquiry,* 19(2): 233–258.
Gumperz, John 1982, *Discourse strategies,* Cambridge University Press, New York.
--- 1992, 'Contextualisation and Understanding' in Duranti, Alessandro e Goodwin, Charles (Eds.), *Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon Cambridge*, Cambridge University Press, New York.
Jaffe, Alexandra 2009, 'Introduction: The Sociolinguistics of Stance' in Jaffe, Alexandra (Ed.), *Stance: Sociolinguistic Perspectives*, Oxford University Press, Oxford.
Leach, Michael 2003, Privileged ties: Young people debating language, heritage and national identity in East Timor, *Portuguese Studies Review*, 11(1):137-50.
--- 2008, Surveying East Timorese tertiary student attitudes to national identity: 2002-07, *South East Asia Research,* 16(3): 405-31.
--- 2012, Longitudinal change in East Timorese tertiary student attitudes to national identity and nation building, 2002-2010, *Journal of the Humanities and Social Sciences of Southeast Asia and Oceania*, 168(2-3): 219-252.
McCarty, Teresa 2011, Ethnography and Language Policy, Routledge, New York.
Mendes, Nuno Canas 2005, 'A construção do nacionalismo timorense' in Guedes, Armando e Mendes, Nuno Canas (Orgs.), *Ensaios sobre nacionalismos em Timor-Leste*, Ministério dos Negócios Estrangeiros/Instituto Diplomático, Lisboa.
Moita Lopes, Luiz Paulo da 2006, Introdução: Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado in Moita Lopes, Luiz Paulo da, *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*, Parábola Editorial, São Paulo.
Silverstein, Michael 1993, 'Metapragmatic discourse and metapragmatic function' in Lucy, John (Ed.) *Reflexive language: Reported Speech and Metapragmatics,* Cambridge University Press, New York.
Woolard, Kathrin, Schieffelin, Bambi e Kroskrity, Paul (Eds.) 1998, *Language ideologies: practice and theory*, Oxford University Press, New York.
Silva, Kelly 2012. *As nações desunidas. Práticas da ONU e a estruturação do Estado em Timor-Leste*, Editora UFMG, Belo Horizonte.